

INTERAÇÕES DE BEBÊS EM ACOLHIMENTO FAMILIAR E INSTITUCIONAL: DOIS ESTUDOS EXPLORATÓRIOS¹

Gabriella Garcia Moura², Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0123-0372>

Kátia de Souza Amorim³, Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0544-6370>

RESUMO. Partindo de pressupostos histórico-culturais e sociointeracionistas, que entendem as interações do bebê com seus cuidadores como pilares sobre os quais se estruturam e se desenvolvem complexas funções do psiquismo humano, buscou-se investigar como se constituem as interações de bebês em programas de acolhimento familiar e institucional. Para tanto, foram realizados estudos exploratórios e longitudinais por meio de três videografações mensais, com dois bebês: um em acolhimento familiar acompanhado de um a três meses de idade; e uma em acolhimento institucional, de três a cinco meses. Categorias de observação foram quantificadas. Resultados apontaram os cuidados básicos como eixos condutores das interações em ambos os contextos, embora na família acolhedora houve maior amplitude e sobreposição de outros tipos de enredos interativos. Discutiu-se o modo como os campos interativos dos bebês se configuraram em articulação com elementos de natureza histórica e semiótica, que se atualizaram nas situações. A importância da formação dos cuidadores quanto ao importante papel das interações e mediação foram sinalizadas, bem como as limitações do estudo e necessidade de novas investigações com amostras maiores.

Palavras-chave: Bebês; interação social; criança acolhida.

INFANTS' INTERACTIONS IN FOSTER AND INSTITUTIONAL CARE: TWO EXPLORATORY STUDIES

ABSTRACT. Based on historical-cultural and socio-interactionist perspectives, which understand the infant interactions with his/her caregivers as pillars on which the complex functions of the human psyche are structured and developed, we investigated how infant interactions are constituted within contexts of foster and institutional care. Exploratory and longitudinal studies were carried out through three monthly video recordings with two infants: one in a foster care, followed from 1 to 3 months of age; and one in institutional care, from 3 to 5 months. Categories of observation were quantified. Results highlighted basic care as the driving force behind interactions in both contexts, although in the foster family there was a greater amplitude and overlapping of other types of interactive frames. It was discussed how the infants' interactive fields were configured in articulation with elements of historical and semiotic nature, which were updated in the situations. The importance of caregivers training

¹ Apoio e financiamento: Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp)

² Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória-ES, Brasil. E-mail: gabigmoura@yahoo.com.br

³ Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP), Ribeirão Preto-SP, Brasil.



regarding the role of interactions and semiotic mediation were pointed out, as well as the limitations of the study and the need for further investigations with larger samples.

Keywords: Infants; social interaction; child foster.

INTERACCIONES DE BEBÉS EN ACOGIMIENTO FAMILIAR E INSTITUCIONAL: DOS ESTUDIOS EXPLORATORIOS

RESUMEN. Partiendo de presupuestos histórico-culturales y socio-interaccionistas, que entienden las interacciones del bebé con sus cuidadores como pilares sobre los cuales se estructuran y se desarrollan complejas funciones del psiquismo humano, se buscó investigar cómo se constituyen las interacciones de bebés en contextos de acogida familiar e institucional. Para esto, se realizaron estudios exploratorios y longitudinales por intermedio de tres vídeo-grabaciones mensuales con dos bebés: un en acogimiento familiar acompañado de 1 a 3 meses de edad; e una en acogimiento institucional, de 3 a 5 meses. Categorías de observación fueron cuantificadas. Los resultados apuntaron los cuidados básicos como eje conductor de las interacciones en ambos contextos, aunque en la familia acogedora hubo mayor amplitud y superposición de otros tipos de enredos interactivos. Se discutió la forma como los campos interactivos de los bebés se configuraron en articulación con elementos de naturaleza histórica y semiótica, que se actualizaron en las situaciones. La importancia de la formación de los cuidadores en relación al papel de las interacciones y la mediación fue señalada, así como las limitaciones del estudio y la necesidad de nuevas investigaciones con muestras más grandes.

Palabras-clave: Bebés; interacción social; niño acogido.

Introdução

No Brasil, desde 2009, com a promulgação da lei nº 12.010 que alterou o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), os termos 'acolhimento institucional' e 'acolhimento familiar' são utilizados para se referir às medidas de proteção excepcionais e provisórias a crianças e adolescentes que – por vivenciarem violências, negligências, abandonos, orfandade ou vulnerabilidade – foram afastados da família de origem enquanto aguardam processo de reintegração familiar ou, em último caso, encaminhamento para família substituta (adoção). O acolhimento institucional pode ser ofertado em duas modalidades: 1) abrigo – instituição com capacidade para até 20 crianças/jovens; ou 2) casa-lar – unidade residencial com capacidade para até dez crianças/jovens, onde reside pelo menos um/a cuidador/a. Já o acolhimento familiar, preconizado pela lei nº 12.010/09 como medida preferencial, consiste em uma família ou pessoa da comunidade que recebe voluntariamente a criança/jovem em sua casa, por período provisório. Essas famílias devem passar por cadastramento, seleção, capacitação, acompanhamento e supervisão promovidos por equipe multiprofissional vinculada a um Serviço de Acolhimento Familiar (Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente [CONANDA] & Conselho Nacional de Assistência Social [CNAS], 2009). Conforme o último levantamento nacional realizado em 1.229 municípios do território brasileiro, foram identificados 2.624 programas de acolhimento institucional e apenas 144 de familiar. O número de crianças e adolescentes acolhidos nas instituições foi 36.929, enquanto 932 estavam sob o amparo de famílias

acolhedoras, revelando que o funcionamento do acolhimento familiar no Brasil ainda é incipiente (Assis, Pinto, & Avanci, 2014).

Especificamente sobre as experiências dos bebês nesses programas, a revisão de literatura realizada por Moura (2017) mostrou que há poucos artigos científicos brasileiros abordando esta temática. A busca realizada no BVS-PSI, no período entre janeiro de 2010 a junho de 2016, encontrou apenas quatro artigos sobre bebês em acolhimento institucional e nenhum estudo empírico sobre acolhimento familiar, apenas poucos estudos teóricos. Em consonância, uma revisão de literatura anterior (Moura & Amorim, 2013), já discutia a flagrante invisibilidade dos bebês em programas de acolhimento brasileiros e como esta lacuna poderia contribuir para omitir possíveis violações ou garantias de direitos, dificultando a construção de políticas que levem em consideração as demandas dessa faixa etária. Por outro lado, em âmbito internacional, as revisões de literatura realizadas por meio das bases PSYCINFO e SCOPUS revelaram amplitude muito maior de estudos sobre esta temática (Moura & Amorim, 2013; Moura, 2017). Observou-se o predomínio de estudos que investigam associação entre adversidades vivenciadas por bebês acolhidos (como privação materna e/ou disfunções dos cuidados parentais) e o desenvolvimento de psicopatologias ou comportamentos pouco adaptativos (Dozier, Zeanah, & Bernard, 2013; McLaughlin et al., 2015). Também se destacaram estudos sobre programas de intervenção que visam melhorar a qualidade das relações entre cuidadores e bebês (Bernard, Meade, & Dozier, 2013; Zeanah, Shauffer, & Dozier, 2011).

Aspecto comum em diversos estudos internacionais foi a ancoragem na Teoria do Apego (Bowlby, 1969/1990), que propõe o desenvolvimento sadio como produto de uma relação estável com um adulto sensível e comprometido, capaz de promover um ambiente de cuidado enriquecido e adequado. Sob esta abordagem, a qualidade das interações de bebês acolhidos vem sendo amplamente discutida por meio da análise de conceitos como *parental sensitivity* [sensibilidade parental], *nurturance care* [cuidado 'nutritivo'], *synchronous care* [cuidado sincrônico] e *parental commitment* [comprometimento parental] (Jacobsen et al., 2018; Powell, Cooper, Hoffman, & Marvin, 2014). Tais estudos têm focado nos comportamentos parentais associados com o desenvolvimento da regulação emocional (da capacidade das crianças pequenas de dominarem suas emoções); com a aprendizagem e desenvolvimento cognitivo; com o desenvolvimento do apego; e, de modo geral, com o melhor ajustamento social e emocional da criança acolhida (Jacobsen, Ivarsson, Wentzel-Larsen, Smith, & Moe, 2014; Jacobsen et al., 2018).

Frente a esse panorama teórico-científico, questiona-se: como a psicologia histórico-cultural – que considera as interações da pessoa com seu meio e seus parceiros sociais como pilares sobre os quais se estruturam e se desenvolvem complexas funções do psiquismo humano – também pode contribuir para a compreensão das experiências interativas de bebês acolhidos?

O papel constitutivo das interações sociais

As interações sociais são objeto de profundo interesse no campo da psicologia do desenvolvimento humano, especialmente quando se analisa crianças em seus primeiros anos de vida. Este tema, no presente estudo, será discutido a partir de pressupostos histórico-culturais. Falar de desenvolvimento nessa perspectiva implica considerar a influência da cultura sobre o desenvolvimento psicológico, destacando o papel das relações sociais e do contexto histórico-cultural. Nessa linha, pesquisadores dedicados ao estudo de bebês (Cavalcante & Rodríguez, 2015; Costa & Amorim, 2015; Rodríguez, Moreno-Nuñez,

Basilio, & Sosa, 2015; Rossetti-Ferreira, Amorim, Silva, & Carvalho, 2004) argumentam que o bebê humano nasce em um universo semiótico – incluindo símbolos, sons, gestos, objetos e múltiplas linguagens –, sendo seu cuidador que lhe apresenta e interpreta este mundo. São os parceiros sociais, usualmente os adultos, que organizam os espaços interativos do bebê, fornecendo-lhes formas de perceber e organizar o mundo onde estão inseridos. Por meio das interações sociais, propicia-se à criança sua imersão no mundo cultural, no universo simbólico. Apesar da imperícia, dependência e fragilidade do bebê, suas expressões corporais-emocionais contagiam o outro, representando seus primeiros recursos de comunicação na interação, de modo que o choro do bebê, por exemplo, é profundamente social, assumindo caráter comunicativo quando interpretado pelo outro, sendo essa interpretação dada nos parâmetros da cultura, das crenças presentes em determinado contexto (Amorim, Costa, Rodrigues, Moura, & Ferreira, 2013; Smolka, Amorim, & Leite, 2016).

Apesar da diversidade de formas de cuidados por que passam as crianças na sociedade, revisões de literatura vêm mostrando que estudos sobre as interações de bebês têm sido conduzidos, predominantemente, por meio de observações da relação mãe-bebê (Moura & Amorim, 2013). Em ampla revisão que analisou os parceiros interativos dos bebês, Amorim (2012) observou que a mãe é o parceiro encontrado em 78% dos estudos. Porém, considerando que cada contexto promove experiência particular conforme sua ecologia social e que é a partir da interação do indivíduo com os eventos do contexto social que a sua história pessoal é construída (Rossetti-Ferreira et al., 2004), entende-se como importante conhecer, compreender e dar visibilidade às diversas e constitutivas experiências de bebês em diferentes contextos, especialmente aqueles diversos do familiar e para além da relação mãe-bebê. Por isso, interroga-se: como são as experiências interativas de bebês que se encontram alijados dos cuidados maternos e da família de origem e vivem em programas de acolhimento? Partindo dessa pergunta, o presente estudo, de caráter exploratório, com base em dois estudos de caso, objetiva discutir algumas das formas como se dão as interações de bebês em diferentes programas de acolhimento: um familiar e um institucional.

Método

Participantes

O presente trabalho apresenta um recorte da pesquisa de doutorado, realizada em dois programas de acolhimento – familiar e institucional –, situados em dois municípios do Estado de São Paulo. Para garantir sigilo e confidencialidade, os nomes das cidades e programas foram omitidos e os nomes dos participantes substituídos por fictícios.

O acolhimento familiar se deu na família Silva, composta pelo casal Cida (45 anos) e Toninho (54 anos) e as filhas biológicas Estela (22 anos) e Tamires (12 anos). De classe média, religiosa, integrante do programa de acolhimento familiar há cinco anos, a família já havia acolhido mais de 15 crianças entre zero-três anos. No período da pesquisa, a família Silva acolheu quatro crianças: Nicolas, com 15 dias de vida; Cecília, com seis meses; Júlia, com três anos e Sofia, com seis meses. Como a faixa etária de Júlia ultrapassava o foco do estudo e Sofia foi acolhida no período final da pesquisa, apenas Nicolas e Cecília foram selecionados como bebês focais.

Quanto ao acolhimento institucional, este era organizado no estilo de casa-lar, com seis casas geminadas, dispostas lado a lado formando um semicírculo. Cada casa atendia cerca de quatro crianças, divididas por faixa-etária (dos 0 aos 14 anos), na mesma residindo

uma cuidadora (mãe social). A exceção era a casa dos bebês, com capacidade para acolher até oito bebês e onde havia três cuidadoras (Denise, Lurdes e Jorgina) trabalhando em regime de plantão. Jorgina trabalhava na instituição há mais de sete anos, Lurdes há cinco anos e Denise há poucos meses. No período em que a pesquisa foi realizada, três bebês estavam sendo acolhidos: Antônio, com quatro meses de idade; Luísa, com três meses; e Isabela, irmã gêmea de Luiza. Quando a pesquisa teve início, estas crianças já estavam acolhidas há cerca de dois meses. Antônio e Luísa foram selecionados como bebês focais, já que Isabela, muitas vezes, dormiu no período das gravações, havendo menor quantidade de registros desta criança.

Especificamente para o presente artigo, optou-se pela apresentação dos resultados de Nicolas (1-3 meses) e Luísa (3-5 meses), as crianças com maior proximidade na idade e no tempo de observação. Nicolas fora acolhido na família em seus 15 dias de vida, com baixo peso (02 quilos) e possível soropositividade para o HIV. Foi acompanhado na pesquisa de um até os três meses de idade, quando foi adotado com cinco quilos e soropositividade não confirmada. Já Luísa e sua irmã foram acolhidas na instituição com seus 21 dias de vida. Tinham baixo peso e suspeita de sífilis congênita; apresentavam excessiva rigidez corporal, o que dava às cuidadoras a sensação de que poderiam 'quebrá-las'. Nos dois primeiros meses de acolhimento, Luísa ganhou peso e teve crescimento superior ao da irmã. Luísa foi acompanhada na pesquisa dos três aos cinco meses, quando foi adotada junto com a irmã. A sífilis também não havia sido confirmada.

Delineamento

Por meio de observações em contextos naturalísticos, optou-se pela condução de estudos de casos (Yin, 2001), que permitem investigar perguntas do tipo 'como' (ou seja, 'como se dão as interações de bebês em contextos de acolhimento?'). Optou-se ainda pelo estudo longitudinal, que permite acompanhar (trans)formações nas interações ao longo do tempo. Finalmente, o desenho do estudo respondeu a objetivos exploratórios, sem fins comparativos. Embora não se permita generalizar quantitativamente suas conclusões, possibilita a apreensão de aspectos que interrelacionam elementos pessoais-relacionais com o contexto mais amplo.

Procedimentos de coleta e análise dos dados

A coleta de dados foi realizada por meio de videograções semanais, com duração de 20 minutos com cada bebê, ao longo de oito semanas. Para compor o corpus e a discussão do presente estudo, foram selecionadas três gravações de cada bebê: a segunda semana de gravação; a quinta; e a oitava semana, cada uma representando um mês de idade dos bebês. Cada uma das gravações foi analisada em intervalos de 10 segundos com base em categorias observacionais das interações (Tabela 1). Estas buscavam indicar onde ocorriam, quem participava e como se configuravam as interações entre bebês e seus parceiros sociais.

A definição de 'interação' que orientou a análise dos vídeos é de Carvalho, Império-Hamburguer e Pedrosa (1996), sendo compreendida como um potencial de regulação entre componentes do campo interativo. A 'regulação' refere-se ao comportamento socialmente dirigido independente de haver resposta, podendo ocorrer mesmo à distância e sem o parceiro interativo perceber que está regulando o comportamento do outro. Foi assim considerada a existência de 'campo interativo' sempre que se estabelecia: a) 'potencial' de

regulação; b) regulação; ou, c) uma correção (envolvendo reciprocidade e comportamentos mutuamente direcionados: 'fazer algo juntos'). A partir disso, foi contabilizado quando o bebê estava rodeado de pessoas (em potencial campo interativo), mas em atividade individual, sem se envolver em nenhuma interação, regulada ou corrigida. E quando ocorriam correções, estas eram analisadas considerando: o que faziam juntos? Qual o conteúdo dessa interação? Conversavam? Sorriam? Olhavam-se? Tocavam-se? Ainda, verificava-se o enredo ou trama das interações: ocorriam em momentos de cuidados básicos? Havia trocas afetivas, momentos lúdicos ou ensino-aprendizagem?

Tabela 1 -Categorias observacionais utilizadas na análise das vídeo-gravações

Categorias/Subcategorias	Descrição
LOCAL	
Onde	Onde o bebê estava localizado?
PESSOAS PRESENTES	
Campo Interativo	Que pessoas constituíam o campo interativo do bebê?
TIPOS DE INTERAÇÕES	
Ação individual	Atenção do bebê direcionada apenas para sua própria atividade.
Bebê é regulado	Bebê dirigia um comportamento social a outro parceiro, mas este não o via, não o percebia ou intencionalmente não o respondia.
Bebê regula	Algun parceiro interativo dirigia ao bebê um comportamento social, mas o bebê continuava focado na sua atividade individual e/ou continuava regulado por outra pessoa.
Co-regulação	O bebê dirigia um comportamento para um parceiro interativo e este, por sua vez, dirigia um comportamento para o bebê (ou <i>vice-e-versa</i>) configurando uma interação mutuamente direcionada.
RECURSOS INTERATIVOS	
Visual	Trocas mútuas de olhares, interação face-a-face.
Vocal	O bebê e seu parceiro interativo direcionavam uma vocalização um ao outro. Ex.: balbucios, gritos, vocalizações, conversas.
Corporal	Quando o bebê tocava e era tocado; quando estava no colo; quando havia trocas de carinhos.
Afetivo	Manifestações de expressões emocionais como sorrisos, gargalhadas, choro.
Gestual	Gesto indicial, ex.: apontar; Gestos ostensivos, ex.: mostrar ou oferecer algo; Gestos simbólicos, ex: 'tchau', 'oi', 'não', 'alô'.
ENREDOS INTERATIVOS	
Cuidados Básicos	Quando as interações ocorriam em função de momentos de alimentação, higiene, medicação, entre outras.

Atividade Conjunta	Atividades lúdicas; atividades que envolviam ensino e estímulo; conversas do parceiro interativo com o bebê, entre outras que configuravam momentos de 'fazer algo juntos' (ação conjunta).
Afetuosidade	Momentos de trocas afetivas, trocas de sorrisos e olhares, carinhos, beijos, abraços e conversas em tom de manhês.
Outros	Outros enredos interativos.

Fonte: As autoras.

Estes dados foram quantificados e, depois, convertidos em um tipo de gráfico, denominado de Panorâmico. A construção dos gráficos foi inspirada nos trabalhos do Grupo de Pesquisa DETEDUCA (*Desarrollo Temprano y Educación*), da Universidade Autônoma de Madri, coordenado pela professora Cintia Rodriguez Garrido. Estes investigadores também realizam videograções com bebês e utilizam-se de gráficos (denominados de microgenéticos), para representar o que ocorre simultaneamente com os vários participantes – adulto e criança – em cada segundo da sequência de vídeos (Estrada, 2013; Nuñez, Rodriguez, & Olmo, 2017). De forma semelhante, no presente estudo, os gráficos construídos pelo software Excel, da Microsoft, dão visibilidade não só para as ocorrências das categorias, mas também permitem apreender como elas ocorrem ao longo da gravação, ilustrando a dinâmica e as (trans)formações das interações no decorrer do período de tempo.

Procedimentos éticos

A preocupação com a ética na pesquisa e o respeito aos direitos das crianças e dos adultos participantes foram eixos condutores do estudo, em conformidade com a resolução nº 466/12 (Ministério da Saúde, 2012). Após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, protocolo número 23537814.4.0000.5407, os participantes e responsáveis pelas crianças foram informados sobre a natureza voluntária da participação na mesma, seus objetivos, justificativas e metodologia e assinaram os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido. Ainda, mantém-se atual o compromisso de promover a relevância social do estudo, as vantagens significativas para os participantes e sua destinação sócio-humanitária.

A seguir, com base nos gráficos panorâmicos de Nicolas (Figura 1) e de Luísa (Figura 2), serão analisados os cenários interativos dos bebês nos dois serviços de acolhimento.

Resultados

Acolhimento familiar

Os gráficos panorâmicos de Nicolas (Figura 1) mostram que Cida (mãe acolhedora), além de ser a pessoa mais frequente no seu campo interativo, também foi a pessoa que mais interagiu de forma corregulada (com ação conjunta e reciprocidade). Já Toninho (pai acolhedor) trabalhava no período em que as gravações foram realizadas e, por isso, não há cenas dele com a criança. Estela (filha mais velha), apesar de ter tido pouca presença no campo interativo, quando presente, interagiu tanto por corregulação quanto sendo regulada pelo bebê. Já Tamires (filha caçula do casal), a despeito de ter maior presença no campo interativo, pouco estabeleceu regulações com o bebê. Finalmente, Júlia – outra criança acolhida – esteve presente no campo interativo de Nicolas, foi regulada por ele em

alguns momentos, porém sem a ocorrência de correções. Portanto, Nicolas interagiu principalmente com Cida, por meio de interação predominante corrigida.

As interações de Cida e Nicolas ocorreram principalmente em momentos de cuidados básicos (alimentação, higiene, banho, medicação etc.). No entanto, desde as primeiras semanas de acolhimento, já se observavam outros tipos de atividades conjuntas (como atividades lúdicas e conversas com o bebê) e interações afetuosas (beijos e carinhos), todas essas sendo concomitantes aos cuidados básicos. Na Figura 1 (gráfico panorâmico 3), observa-se como, aos três meses de idade, após dois meses de acolhimento, esses enredos se ampliaram, superando as atividades baseadas em cuidados básicos.

O contato corporal foi o recurso mais frequente entre Cida e Nicolas. Se se pode argumentar que contato corporal é intrínseco a cuidados básicos do bebê (elevando seus índices de ocorrência), por outro lado, a interação corporal não se restringiu ao simples 'estar no colo', pois ocorreram beijos, carícias, massagens (toques leves nas costas), mudança de posição no berço, dentre outras ações que envolviam o tato, o tocar e o ser tocado.

As interações mediadas vocalmente também tiveram destaque. Cida conversava com frequência com o bebê Nicolas, embora este se mantivesse, muitas vezes, com os olhos fechados. Ela mudava o tom de voz, usando o *manhês*, um tipo de fala caracterizada na literatura como com entonação exagerada e ritmo diferenciado na pronúncia das palavras; em que há pausas mais longas entre os enunciados; que utiliza mais frases na terceira pessoa e diminutivos (Scorsi & Lyra, 2012). Cida também atribuía significados aos gestos e às expressões de Nicolas ou, até mesmo, fantasiava diálogos nos quais o bebê lhe perguntava, respondia, contestava, afirmava, elogiava. Tomava o bebê como interlocutor muito mais responsivo do que suas efetivas capacidades lhe permitiam.

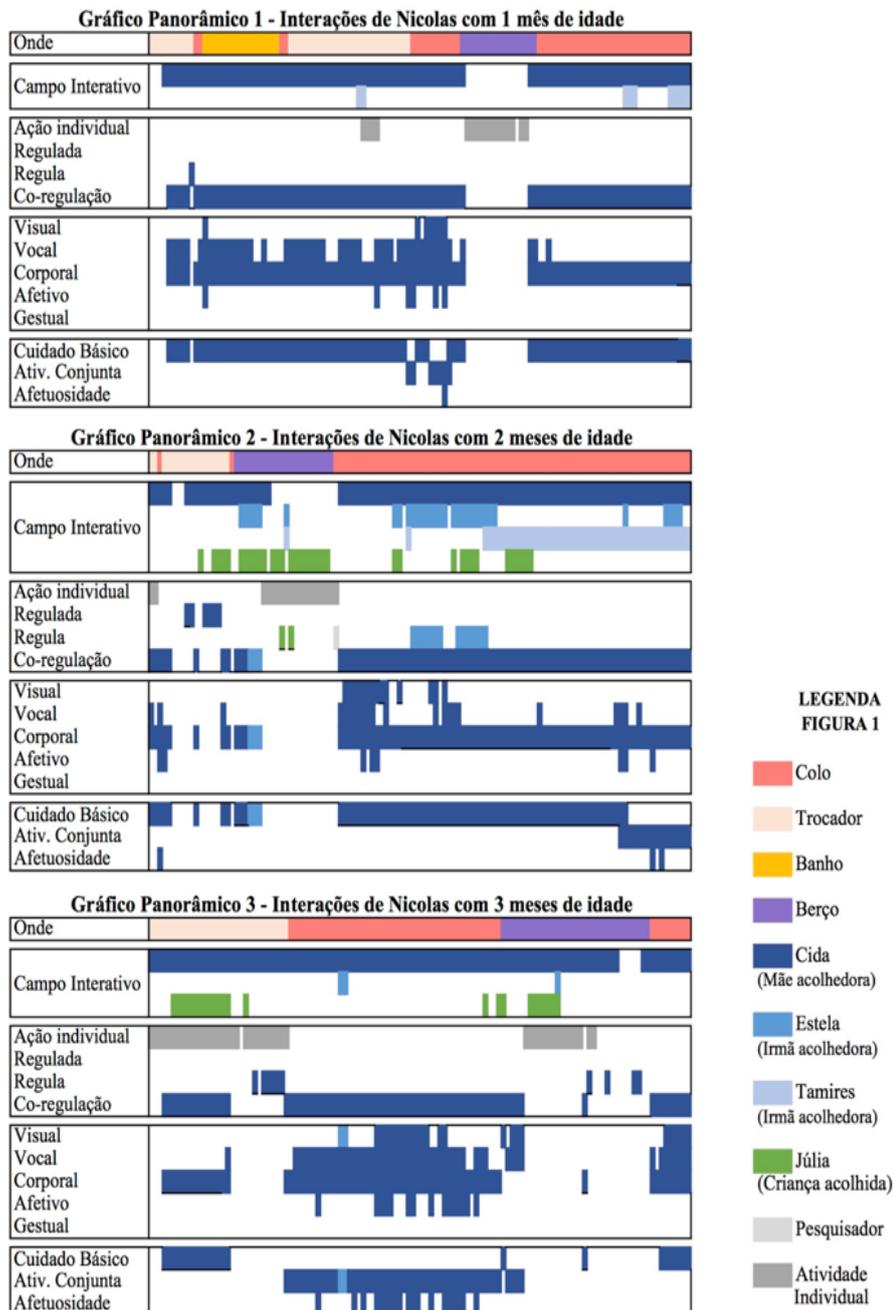
Os gráficos panorâmicos permitiram visualizar não só a ocorrência das categorias, mas principalmente, quando ocorreram. Nesse sentido, indicam a ausência ou baixa ocorrência de interações quando Nicolas estava no berço, onde usualmente permanecia sozinho em atividade individual. Indicam, ainda, que, quando havia mais pessoas compondo o campo interativo, estando presentes Cida, Estela, Tamires e Júlia (gráfico panorâmico 2 - Figura 1), foi também o dia de menor amplitude e sobreposição de diferentes enredos e recursos interativos entre Nicolas e Cida, além de serem baixos os números de interações do bebê com os outros parceiros.

Os gráficos panorâmicos 2 e 3 (Figura 1) mostram, também, que quando Júlia (criança acolhida, 3 anos) estava presente no campo, os índices de interação de Nicolas e Cida ficaram mais restritos, baseando-se mais no cuidado básico. Em coerência, observa-se que as maiores amplitudes de enredos e recursos interativos apareceram justamente nos momentos em que só havia Cida no campo interativo de Nicolas e quando este estava no colo.

Em relação ao outro estudo de caso do acolhimento familiar, Cecília (acompanhada dos 6 aos 11 meses), embora seus resultados não sejam detalhados no presente trabalho, vale destacar que Cida também foi a pessoa que mais constituiu o campo interativo de Cecília e as interações entre elas foram predominantemente corrigidas. O enredo mais frequente se referiu às atividades conjuntas (de caráter lúdico e/ou de ensino-estímulo). A fala e vocalização foram os recursos mais recorrentes e, junto com as expressões gestuais ('tchau', 'bater palmas', 'apontar'), foram os recursos que aumentaram ao longo do acolhimento. Também chamou atenção o índice de contato corporal, o segundo recurso mais contabilizado apesar do 'colo' ser um dos lugares onde Cecília menos esteve. Ou seja,

apesar de passar longos períodos no berço, carrinho e andador, isso não impediu que ocorressem toques, carinhos, cócegas, além de beijos e abraços.

Figura 1 - Gráficos Panorâmicos - Nícolas de 1 a 3 meses de idade – Família Acolhedora.



Fonte: As autoras.

Acolhimento institucional

Como mostra a Figura 2, o campo interativo de Luísa variou conforme variou o turno das funcionárias. Embora houvesse duas cuidadoras no turno diurno, os índices de

interação de uma sempre eram muito maiores do que os da outra, apesar de ambas estarem presentes, indicando que apenas uma costumava compor o campo interativo da criança focal. No que se refere à participação dos outros bebês acolhidos, Antônio e Isabela, observou-se que quando Luísa estava sendo videogravada, Antônio costumava ficar no berço, em outro cômodo; e Isabela, irmã gêmea, algumas vezes esteve presente no campo interativo, pois ambas eram colocadas uma ao lado da outra, mas de tal modo que não favorecia a interação entre elas.

As interações correguladas ocorreram de maneira contínua dentro de um determinado espaço de tempo, sempre quando a criança estava no colo (sendo alimentada), no trocador ou no banho. Assim, o principal enredo interativo com Luísa foi baseado em cuidados básicos e a principal via de contato foi o contato corporal. No entanto, diferente do caso de Nicolas, no de Luísa, o contato corporal esteve pouco acompanhado de outros recursos interativos. Enquanto em interação com as cuidadoras, pouco ocorreram falas, trocas de sorrisos, interações face a face. Ainda, grandes eram os intervalos de tempo entre uma fala e outra, destacando-se o silêncio. Também foi baixa a ocorrência de *manhês*.

Em relação às atividades conjuntas, que poderiam envolver atividades lúdicas e de ensino-estímulo, dentre outras, estas também tiveram baixos índices de ocorrência. Apenas no gráfico panorâmico 6 (Figura 2), observa-se que Luísa e a cuidadora Denise se envolveram numa atividade que teve como enredo as falas da cuidadora para a criança, sobreposta ao momento de cuidado básico. Não foram observadas interações quando a criança estava no carrinho e no bebê-conforto, lugares onde ficava sozinha em atividade individual.

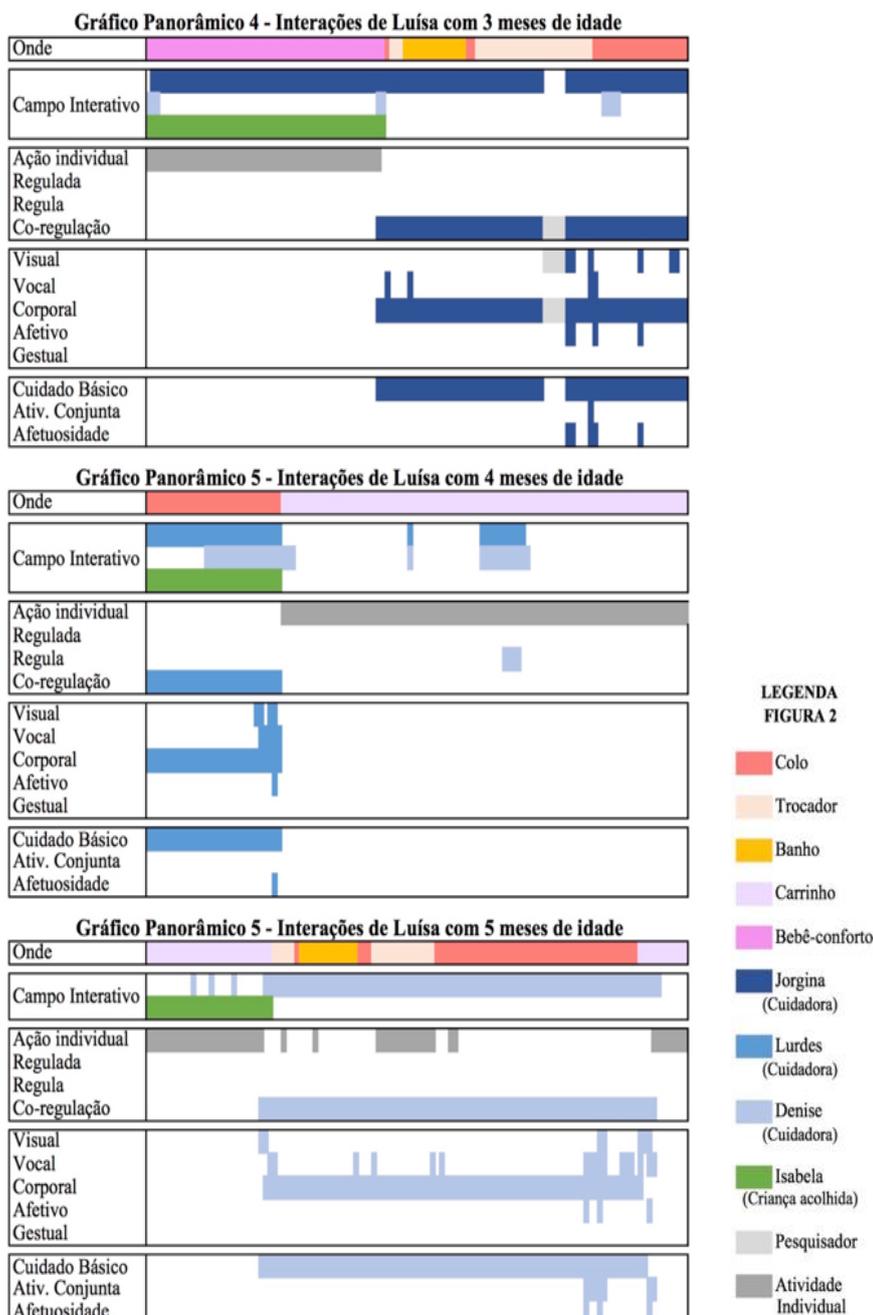
Evidencia-se que, embora as gravações tenham apreendido momentos que potencialmente privilegiariam altos índices de interações bebê-cuidador, mesmo assim este resultado não foi encontrado, pois o conteúdo das interações se restringiu ao contato corporal intrínseco ao ato de segurar o bebê para amamentá-lo ou higienizá-lo. A amplitude tanto dos enredos interativos quanto dos tipos de recursos empregados na interação com Luísa foi bastante reduzida.

Comparando os três gráficos panorâmicos de Luísa (Figura2), outro dado chama a atenção: a homogeneidade com que se deram as interações ao longo dos meses de gravações. Cada gráfico de Luísa (Figura 2), representando um mês da idade, revela suas interações com uma cuidadora diferente que assumia as tarefas de seus cuidados básicos. Apesar disso, destaca-se o modo como três diferentes cuidadoras, com experiências diversas de cuidado e ao longo de três meses têm a mesma forma de interagir com Luísa, mesmo com o crescimento e desenvolvimento da criança. Este dado levanta questões: as transformações por que passa um bebê não modificam a forma de se relacionar com ele? Ou há ali um 'estilo institucional de cuidar'?

Antes de discutir essa questão, vale apresentar breve panorama dos resultados de Antônio (acompanhado dos 4 aos 6 meses de idade). Tal como no caso de Luísa, o campo interativo de Antônio variou conforme o turno das funcionárias. Mais ainda, dos quatro bebês focais, em seu caso apresentam-se os mais baixos índices de interação, sendo observada interação apenas em um dia, nos outros os gráficos permanecendo quase em branco. Além do mais, do pouco contabilizado, houve mais comportamentos de Antônio regulados pelas cuidadoras do que corregulações ou regulações das cuidadoras por ele. Na única gravação em que foi observado um número maior de interações, na primeira gravação, quando o bebê estava com quatro meses, ele interagiu com Denise e com Jorgina. As interações correguladas com Denise se pautaram exclusivamente em cuidados básicos (banho e higiene), enquanto com Jorgina se dividiram em diversos enredos,

destacando-se o lúdico e/ou de ensino-estímulo. Suas interações com outras crianças também foram poucas, pois na posição em que era colocado, o potencial restringia-se a ouvir e ser ouvido. Antônio era chamado de 'bebezão bonzinho', pois diziam que ele chorava pouco e dormia bem. Inclusive, estas características podem estar associadas aos seus baixos índices de interação, já que, conforme dito anteriormente, o choro e outras expressões são potentes recursos comunicativos que atraem a atenção dos cuidadores.

Figura 2. Gráficos Panorâmicos - Luísa de 3 a 5 meses de idade – Instituição (Casa-lar)



Fonte: As autoras.

Discussão

O objetivo do presente estudo foi alcançado na medida em que foi possível verificar algumas das formas como se dão as interações de bebês em diferentes programas de acolhimento – tanto familiar como institucional – por meio da observação do modo como os campos interativos dos bebês se configuraram. À análise, um dos pontos que se destacaram, refere-se aos resultados contrastantes entre acolhimento familiar e acolhimento institucional, com acentuada diferença na frequência de ocorrência das interações. No contexto de acolhimento familiar, ocorreram maiores índices de interações correguladas. Os momentos de cuidados básicos de Nicolas (1 a 3 meses de idade) envolveram conversas (com *manhês*), cantigas, brinquedos, compartilhamento de rotinas e atividades, sobrepondo-se diferentes enredos e recursos. No caso de Luísa (3 a 5 meses), na instituição – apesar de ela ser mais velha do que Nicolas e ter maior tempo de acolhimento, o que suscita a expectativa de ela já ter desenvolvido uma relação com suas cuidadoras, tendo ainda um conjunto maior de recursos interativos –, suas interações se restringiram a cuidados básicos, automatizados, reduzidos em diversidade de recursos e enredos. Essa diferença mostra-se mais marcante quando se analisa a proporção do número de crianças por cuidador. Cada serviço de acolhimento recebeu três crianças, sendo baixa a proporção adulto/criança, como preconizam as orientações técnicas (CONANDA & CNAS, 2009). Inclusive, no acolhimento institucional, havia três crianças para duas cuidadoras, sendo ainda menor do que no acolhimento familiar, onde a mãe acolhedora assumia sozinha os cuidados das três crianças. Apesar da baixa proporção de crianças por adultos, as práticas de cuidados na instituição se caracterizaram por um padrão mais pessoal.

Estes resultados contrastantes entre família acolhedora e instituição podem ensejar uma comparação de cunho valorativo, de forma que a família acolhedora se mostraria a medida de proteção mais adequada do que a instituição. Mas tal conclusão pode ser precipitada e é uma armadilha que deve ser evitada, principalmente porque o presente trabalho se estruturou a partir de dois Estudos de Casos, sendo provável que existam, no Brasil, outros programas de acolhimento familiar e institucional, com maior e menor qualidade. Por outro lado, apesar de não permitir generalizações mais amplas e nem comparações mais precisas entre os resultados, a presente pesquisa não se inviabiliza, já que seu desenho permite explorar o tema, propor reflexões e formular hipóteses para novos estudos. Assim, dentro das fronteiras deste trabalho, pode-se, por exemplo, interrogar: até que ponto as características de Cida (ou o perfil socioemocional e econômico da família acolhedora), com sua idiossincrática história de vida, influenciam na forma dela interagir com as crianças? Ainda, qual a influência da capacitação e do acompanhamento das famílias acolhedoras pela equipe técnica do serviço nesses resultados?

Embora o delineamento metodológico do presente estudo não permita e nem sustente comparações entre os dois programas de acolhimento, ainda assim faz-se necessário sinalizar que diversos estudos têm encontrado diferenças nos resultados desenvolvimentais de crianças acolhidas em famílias acolhedoras e em instituições. Por exemplo, o projeto BEIP é um estudo longitudinal randomizado controlado, desenvolvido na Romênia, que acompanhou a inserção e o cuidado de crianças previamente institucionalizadas, em um serviço de acolhimento familiar, avaliando ampla gama de domínios, aos 30, 42, 54 meses e, aos oito anos de idade e início da adolescência. Trata-se de estudo interdisciplinar envolvendo as áreas da medicina, psiquiatria, pediatria, genética, psicologia e neurociências, e cujos resultados indicam que o acolhimento familiar

está associado a melhores resultados desenvolvimentais comparados às crianças institucionalizadas (Bick, Dozier, Bernard, Grasso, & Simons, 2013; Dozier et al., 2013; Drury et al., 2012; Gleason et al., 2014; McLaughlin et al., 2015). Pesquisas semelhantes vêm sendo conduzidas em vários outros países e corroboram estes resultados (Jacobson et al., 2014; 2018).

Para além da comparação, os resultados ensejam necessidade de se olhar para os modos de organização desses serviços, para como são pensadas as interações e a construção das relações das crianças nesses ambientes, para compreender o que está se constituindo em estímulo ou entrave à ocorrência e efetivação de ricas experiências interativas 'junto a' e 'para' essas crianças. Inclusive, conforme já mencionado, os programas de acolhimento familiar, no Brasil, ainda são incipientes, sendo necessário ampliar o olhar para experiências de acolhimento e conflitos emergentes, investindo-se em mais estudos sobre seus limites e possibilidades.

Nessa análise das especificidades de cada contexto, vale considerar a estrutura/organização de ambos os contextos em articulação com elementos de ordem cultural, social, histórica, econômica, política (Rossetti-Ferreira et al., 2004; Amorim, 2012). Tais elementos, de natureza semiótica e polissêmica, têm concretude e se atualizam continuamente no aqui-e-agora das situações, a partir da dialética interrelação de elementos ideológicos com as condições socioeconômicas e políticas onde as pessoas estão inseridas, interagindo e se desenvolvendo. Revelam-se, assim, na organização de espaços, rotinas, práticas, discursos e do próprio corpo, circunscrevendo processos que simultaneamente possibilitam e delimitam campos interativos, favorecendo certas organizações sociais, certos significados e sentidos. Dessa forma, pode-se interrogar se os resultados sobre a família acolhedora e as formas de interações de Cida com Nicolas não podem ser atribuídas a um ambiente familiar, onde tradicionalmente as relações de afeto são permitidas. Ou, ainda, até que ponto cada participante deste contexto familiar, incluindo o marido e as filhas, não estavam assumindo um papel/uma posição culturalmente atribuídos? É possível que, no caso desta família acolhedora, Cida estivesse exercendo clássico papel de mulher-mãe, responsável pela criação dos filhos, educadora dedicada e central aos cuidados do lar e bem-estar das crianças, enquanto seu marido ocupava o lugar de pai provedor e as filhas auxiliavam a mãe aprendendo habilidades idealmente apontadas ao papel feminino. Por outro lado, os resultados do acolhimento institucional estão em consonância com inúmeros estudos que discutem o estilo institucional de cuidar. Este representa um modo de organização das práticas de cuidados nessas instituições que é historicamente dado e reproduzem padrão pautado no mínimo diálogo, em cuidados ritualizados, com baixo índice de interação e com poucas respostas sensíveis e contingentes do cuidador ao bebê (Golin, Benetti, & Donelli, 2011; Groark & McCall, 2011). Esse estilo institucional de cuidar tem sido atribuído a pouca formação dos cuidadores, os quais têm recebido mais informações e conhecimentos acerca da área da saúde, segurança e nutrição, mas pouco têm tido acesso às informações do campo da relação e seu papel no desenvolvimento infantil (Zeanah et al., 2011).

Do ponto de vista do desenvolvimento, o conhecimento a respeito do papel das interações no processo constitutivo (Carvalho et al., 1996; Lira & Pedrosa, 2016; Nuñez et al., 2017; Rodriguez et al., 2015; Smolka et al., 2016) permite inferir que restrições na amplitude das interações podem deixar de promover experiências fundantes ao desenvolvimento, alijando a criança da imersão no universo de signos de nossa cultura. Ademais, a natureza da relação vai depender, dentre outros, do conteúdo, da diversidade e qualidade das interações, que distinguem uma relação de outra, que permitem a

construção ou não de vínculos afetivos (Hinde, 1976). Assim, entende-se que a depender do modo como o cuidador realiza as tarefas de cuidado, tais momentos podem se tornar espaços privilegiados de brincadeiras, olhar individualizado, considerando preferências e características de cada criança.

Outro resultado que se destaca é que, em ambos os contextos, o colo foi um lugar privilegiado para ocorrência das interações envolvendo reciprocidade e um fazer conjunto. Como discutem Seidl-de-Moura et al. (2004), as trocas de olhares, o contato físico, a proximidade e o aconchego, propiciados pelo colo do cuidador, são essenciais para o estabelecimento e a manutenção das interações, especialmente no caso de bebês pequenos, cujo deslocamento e posicionamento dependem totalmente dos cuidadores.

Em contraste, quando Nicolas e Luísa foram observados em berços, carrinhos e bebê-conforto, na maior parte do tempo, as crianças permaneceram em atividade individual, à margem de um potencial campo interativo e, conseqüentemente, sem possibilidade de ocorrerem, sequer, regulações. Essa mesma situação – dos bebês ficarem à margem do campo interativo – também foi observada quando estavam reunidos, em um campo interativo, muitos adultos e/ou crianças maiores, pois eles tendiam a interagir mais entre si e menos com o bebê (Figura 1). É certo que, em ambiente de cuidado coletivo ou até mesmo em contexto familiar, nem sempre os bebês podem estar e permanecer no colo. Seus cuidadores têm outros afazeres e, além disso, teóricos da psicologia do desenvolvimento discutem o importante papel das atividades exploratórias do bebê com o mundo físico ao seu redor (Cavalcante & Rodríguez, 2015; Nuñez et al., 2017; Rodriguez et al., 2015). No entanto, estes resultados ensejam que também é necessário considerar que a organização do ambiente pode ser estruturada em função das necessidades das crianças. Os adultos podem promover ambientes criativos, seguros, estimulantes, que viabilizem experiências variadas para os bebês, mesmo quando não estão em interação direta com eles (Rossetti-Ferreira et al., 2004; Smolka et al., 2016).

Indo além das interações adultos-bebês, faz-se necessário discutir sobre as outras crianças em acolhimento. Em ambos os contextos foram ausentes ou muito poucas as ocorrências de interações bebê-bebê e bebê-crianças, até mesmo pelo modo de organização da rotina: os bebês usualmente permaneciam em bebês-conforto, posicionados lado-a-lado, sem que pudessem sequer observar um ao outro. As gravações evidenciaram que, mesmo com relação aos bebês mais velhos, a interação não era efetivada, revelando, possivelmente, que não se considera que interações de pares de bebês aconteçam ou contribuam ao desenvolvimento. Inclusive, as próprias teorias dominantes sobre desenvolvimento historicamente priorizam o papel do adulto junto neste processo, desconsiderando as potencialidades das interações de pares. Porém, estudos contemporâneos sobre bebês em contextos de creches têm contribuído para mostrar que mesmo bebês bem pequenos se interessam por e interagem com outros bebês (Amorim, 2012; Amorim et. al., 2013). Por exemplo, no estudo de Costa e Amorim (2015), observou-se que os bebês regulavam seus comportamentos em função do comportamento de outros bebês. O olhar foi o recurso comunicativo predominante na díade bebê-bebê, tais interações se complexificando com o tempo, ocorrendo, inclusive, abreviações da comunicação. Assim, ressalta-se que, tal como nas creches, os serviços e acolhimento são cenários privilegiados para se discutir as interações entre pares.

Considerações finais

O presente estudo trouxe como contribuição a discussão de dados empíricos sobre interações de bebês em diferentes programas de acolhimento, tema pouco estudado no Brasil, conforme mostraram as revisões de literatura. Tais estudos mostram-se importantes para a implementação de políticas públicas à primeira infância, em atenção à especificidade e relevância dos primeiros anos de vida. Além disso, a pesquisa discutiu dados de uma experiência de acolhimento familiar que, embora seja preconizada pela legislação brasileira como medida preferencial, sua implementação continua incipiente e pouco investigada. E apresentou um procedimento metodológico de investigação pouco usual na literatura brasileira, capaz de capturar a sequência de eventos em movimento, bem como aspectos sutis das dinâmicas interativas, conferindo caráter sistemático para uma análise de cunho qualitativo.

Em contraponto, o estudo também apresentou limitações, pois se baseou em dois estudos de casos – um em contexto institucional e outro em família acolhedora –, somente em três momentos (01 por mês), recorte este que, embora esteja atravessado pelo social, impede generalização quantitativa e comparação. Por isso, novos estudos, de preferência com maiores amostras, devem ser realizados para explorar fatores de risco e proteção e averiguar melhores alternativas de acolhimento para os bebês. Como ressalta Lira e Pedrosa (2016), situações que envolvem afastamento do convívio familiar e institucionalização precisam ser mais estudadas pela psicologia, à qual “[...] cabe oferecer subsídios para que se busque uma melhor qualidade de atendimento nesse espaço, pautada no adequado conhecimento sobre a criança” (p. 8).

Considerando o papel constitutivo dos processos sociointerativos, mostra-se necessário investir na superação de práticas de cuidado mecanizadas, que se limitam à manutenção da vida, desconsiderando seu papel socializador. É impreterível o trabalho de formação e conscientização dos cuidadores/educadores/mães-sociais sobre dimensão educativa e mediadora dos cuidados, das interações, das falas e brincadeiras, seja durante simples atividade rotineira ou em atividade guiada. E novos estudos do campo do desenvolvimento humano apresentam alto potencial de contribuição para que aspectos cruciais deste processo sejam mais intencionalmente perseguidos pelos programas de acolhimento.

Referências

- Amorim, K. S. (2012). Processos de significação no primeiro ano de vida. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28, 45-53.
- Amorim, K. S., Costa, C. A., Rodrigues, L. A., Moura, G. G., & Ferreira, L. D. I. M. P. (2013). O bebê e a construção de significações, em relações afetivas e contextos culturais diversos. *Temas em Psicologia*, 20(2), 309-326.
- Assis, S. G., Pinto, L. W., & Avanci, J.Q. (2014). Nationwide study on children and adolescent in foster care in Brazil. *Paediatrics Today*, 10(2), 135-146.

- Bernard, K., Meade, E., & Dozier, M. (2013) Parental synchrony and nurturance as targets in an attachment based intervention: building upon Mary Ainsworth's insights about mother-infant interaction. *Attachment Human Development*, 15(5), 507-523.
- Bick, J., Dozier, M., Bernard, K., Grasso, D., & Simons, R. (2013). Foster Mother-infant bonding: associations between foster mothers' oxytocin production, electrophysiological brain activity, feelings of commitment, and Caregiving Quality. *Child Development*, 84(3), 826-840.
- Bowlby, J. (1969/1990). O vínculo da criança com a mãe: comportamento de apego. In J. Bowlby. *Apego perda* (Apego, vol. I). São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Carvalho, A. M. A., Império-Hamburger, A., & Pedrosa, M. I. (1996). Interação, regulação e correção no contexto do desenvolvimento humano: discussão conceitual e exemplos empíricos. *Publicações IFUSP/P-1196*, 1-34.
- Cavalcante, S., & Rodríguez, C. (2015). The understanding of die as an object that has numerical functions. A longitudinal study using two children from the ages of 24 to 36 months interacting with an adult. *Estudios de Psicología*, 36(1), 48-70. doi: 10.1080/02109395.2014.1000028
- Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente [CONANDA], & Conselho Nacional de Assistência Social [CNAS] (2009). *Orientações técnicas: serviços de acolhimento para crianças e adolescentes*. Brasília, DF.
- Costa, C. A., & Amorim, K. S. (2015). Abreviação em relações de bebês com seus pares de idade. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 31(1), 15-23.
- Dozier, M., Zeanah, C. H., & Bernard, K. (2013). Infants and toddlers in foster care. *Child Development Perspectives*, 7(3), 166-171.
- Drury, S. S., Gleason, M. M., Theall, K. P., Smyke, A. T., Nelson, C. A., Fox, N. A., & Zeanah, C. H. (2012). Genetic sensitivity to the caregiving context: the influence of 5httlpr e BNDF val66met on indiscriminate social behavior. *Physiology & Behavior*, 106(5), 728-735.
- Estrada, L. F. (2013). *Componentes emocionales e interacciones triádicas adulto-objeto-bebé entre los 12 y 16 meses de vida. Un estudio de caso* (Tesis de Maestria). Universidad Autónoma de Madrid, Madrid.
- Gleason, M. M., Fox, N. A., Drury, S. S., Smyke, A. T., Nelson, C. A. & Zeanah, C. H. (2014). Indiscriminate Behaviors in Previously Institutionalized Young Children. *Pediatrics*, 133(3), e657-e665.
- Golin, G., Benetti, S. P. C., & Donelli, T. M. S. (2011). Um estudo sobre o acolhimento precoce inspirado no método bick. *Psicologia em Estudo*, 16(4), 561-569.
- Groark, C. J., & McCall, R. B. (2011) Implementing changes in institutions to improve young children's development. *Infant Mental Health Journal*, 32(5), 209-525

- Hinde, R. (1976). On describing relationships. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 17(1), p. 1-19.
- Jacobsen, H., Ivarsson, T., Wentzel-Larsen, T., Smith, L., & Moe, V. (2014) Attachment security in young foster children: continuity from 2 to 3 years of age. *Attachment Human Development*, 16(1), 42–57.
- Jacobsen, H., Vang, K. A., Lindahl, K. M., Larsen, T. W., Smith, L., & Moe, V. (2018) Quality of social interaction in foster dyads at child age 2 and 3 years. *Child Psychiatry & Human Development*. Recuperado de: <https://doi.org/10.1007/s10578-018-0823-7>
- Lei nº12.010, de 29 de julho de 2009. (2009). Dispõe sobre a adoção e altera e revoga artigos do Estatuto da Criança e Adolescente. Brasília, DF: Presidência da República. Casa Civil. Subchefia de Assuntos Jurídicos.
- Lira, P. P. B., & Pedrosa, M. I. (2016) Processos de significação sobre família em brincadeiras de crianças em acolhimento institucional. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32(3), 1-9.
- McLaughlin, K. A., Sheridan, M. A., Tibu, F., Fox, N. A., Zeanah, C. H., & Nelson, C. A. (2015). Causal effects of the early caregiving environment on development of stress response systems in children. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 112(18), 5637-5642.
- Moura, G. G., & Amorim, K. S. (2013). A (in)visibilidade dos bebês nas discussões sobre acolhimento institucional. *Psicologia em Estudo*, 18(2), 235-245.
- Moura, G. G. (2017). *Interações e relações de bebês em contextos de acolhimento familiar e institucional* (Tese de Doutorado). FFCLRP.Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Núñez, A. M., Rodriguez, C., & Olmo, M. J. (2017). Rhythmic ostensive gestures: how adults facilitate infants' entrance into early triadic interactions. *Infant Behavior and Development*, 49, 168-181.
- Powell, B., Cooper, G., Hoffman, K., & Marvin, R. (2014). *The circle of security intervention: enhancing attachment in early parent-child relationships*. New York, NY: Guilford Press.
- Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012. (2012). Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília, DF: Ministério da Saúde.
- Rodríguez, C., Moreno-Núñez, A., Basilio, M., & Sosa, N. (2015). Ostensive gestures come first. Their role in the beginning of the shared reference. *Cognitive Development, Special Issue: Semiotic and Cognition in Human Development*, 36, 142-149.
- Rossetti-Ferreira, M.C., Amorim, K.S., Silva, A.P.S., & Carvalho, A. M. A. (2004). *Redes de significação e o estudo do desenvolvimento humano*. São Paulo, SP: Artmed.

- Scorsi, L., & Lyra, M. C. D. P. (2012). O manhês e o desenvolvimento da comunicação adulto-bebê: uma revisão da literatura com uma proposta de análise microgenética das trocas mãe-bebê. *Interação em Psicologia*, 16(2), 293-305.
- Seidl-de-Moura, M. L., Ribas, A. F. P., Seabra, K. C., Pessoa, L. F., Ribas Jr, R. C., & Nogueira, S. E. (2004). Interações iniciais mãe-bebê. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), p. 295-302.
- Smolka, A. L. B., Amorim, K. S., & Leite, S. A. S. (2016). Questões de desenvolvimento humano na perspectiva histórico-cultural: bebê, criança e adulto em foco. In A. L. B. Smolka & S. A. S. Leite (Orgs.), *Psicologia do desenvolvimento: teorias e práticas em diferentes contextos*. Campinas, SP: Mercado das Letras.
- Zeanah, C. H., Shaffer, C., & Dozier, M. (2011). Foster care for young children: why it must be developmentally informed. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 50(12), 1199-1201.
- Yin, R. K. (2001) Estudo de caso: planejamento e métodos. In R. K. Yin. *Estudo de caso* (2 ed.). Porto Alegre, RS: Bookman.

Recebido em 01/11/2017

Aceito em 13/08/2018

Gabriella Garcia Moura: Professora-adjunta do Departamento de Psicologia Social e do Desenvolvimento da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), atua principalmente nos seguintes temas: desenvolvimento infantil, primeiro ano de vida, acolhimento familiar e institucional. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0123-0372>

Kátia de Souza Amorim: Professora Livre-docente da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (USP), trabalha na área de Psicologia do Desenvolvimento Humano, atua principalmente nos seguintes temas: bebês e crianças pequenas, comunicação e significação, construção de vínculos, desenvolvimento, criança com e sem necessidades especiais. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0544-6370>